



IMPOSTURA DESMASCARADA,

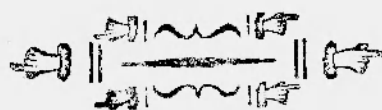
OU

REPUTAÇÃO DOS ESCRIPTOS PUBLICADOS NO RIO
DE JANEIRO, PELO CONEJO

DE J. G. CAMPOS, E E. A. PATRONI.

La masque tombe, & l'home reste.





Os acontecimentos políticos da Provincia do Graó-Pará, tem sido contados por mui diversos modos; porém como todos os Escriptores tem antes sacrificado as paixões do que a verdade, apparece em cada pagina de seus escriptos, a falsidade, o egoismo, a vingança, e o espirito de partido. Os paços do Rio de Janeiro tem gemido, ou vomitado lo grosseiros insultos, calumniosas invectivas, e atrozes injurias contra Cidadãos probos, sãos, e amigos da ordem; ou prostituindo-se em louvar, e apologiar indviduamente homens vís, debochados, sem caracter, insolentes, inimigos do socoço, e tranquillidade pública; homens em fim da mais perversa, e relaxada moral.

Tem-me chegado á mão humas defecadas folhas da Estrella-Brazileira, onde se achão inseridos alguns artigos, que mais deshonrão, do que accreditão o Redactor.

Fozerem porém maior vulto, e tem sido prodigalizados, e distribui los com mão larga, tres folhetos, chefes da obra do mais atrevido descaramento, os quaes tem por titulo—*Os Inimigos da Causa Brasileira no Pará*—escripto por Patroni—*Historia dos acontecimentos políticos do Pará*—pelo Conego Campos—*Apologia do Conego J. B. G. Campos*—escripta por hum delles, ou por ambos conjuntamente. Quanto aos artigos da Estrella, entra mais hum terceiro auctor, que por sobre-nome não perca.

Como aquelles impostores mentem descaradamente, e attribuem a outros, factos que só elles praticarão: eu vou desmascaral-os, e appresentar á luz do dia suas atrocidades, e pessimos caracteres; sei que qualquer delles, só para sustentar a aura adquirida entre os boca-abertas que os escutão, lançará mão da sua arma favorita, e atroára tudo com as suas costumadas descomposturas; porém eu não temo os latidos de semelhantes rafeiros, e trilhando o caminho da verdade, guiado pelo luminoso facho de irrefragaveis documentos, exporei ao Público a falsidade com que escrevem, fazendo hum brevisima analyse, a algumas passagens de seus mesmos escriptos: desde já previno o Público, para que me relieve alguma expressão que lhe pareça mal-soante, pois aquelles patifes, he necessario tratal-os falando verdade, da mesma forma que elles menundo, tratão os outros.

A

IMPOSTURA DESMASCARADA.

PORTE I.—PATRONI.

*Ta. carnal do Aristarco e todos latras,
Sabujo impertinente a todos mordões,
Nos outros po's sem pejo, as baldas tuas.*

Satir. do Elmir. o Elm.

O PRIMEIRO folheto que se me apresenta, he o que tem por titulo —*Os Inimigos da Causa Brasileira no Pará*—obra do façanhoso Bacharel Philippe Alberto Patroni: no §. 1.^o descreve o auctor os caracteres de Villaga, e Barata; com effeito nada tenho que lhe dizer, porque elles lá se conhecem huns aos outros.

Passemos ao §. 2.^o, he necessario transcrevel-o para o analysar.—” De-
” pois da chegada da gallera Nova-Amazona ao Pará em 10 de Dezembro
” de 1820, (diz Patroni) havendo apenas decorrido 20 dias, rebenta o vol-
” cãõ constitucional no 1.^o de Janeiro de 1821. Esta revolução encara-
” da por todos os lados, offerece na verdade hum papel digno de riso,
” ao mesmo tempo que chama sobre si a execração de todo o homem sen-
” sa'o: seus auctores são L. P. Villaga, e F. J. R. Barata.”

No §. 3.^o pag. 5, continua Patroni.—” Ora he evidente, que sendo
” os auctores de tal revolução Villaga e Barata, estranhos á virtude e
” ligados com o crime, era impossivel que elles se conduzissem a outro fim,
” que não fosse o egoismo, e a prepotencia.”

Aqui temos pois exppllica-la em poucas pallavras, a revolução do 1.^o de Janeiro de 1821; homens estúpidos, soberbos, venaes, e velhacos, es-
tranhos á virtude, e ligados com o crime, sem attender á opinião pública,
sem medir suas forças, sem combinar duas ideas; são os que fazem hum
revolução, sem se conduzirem a outro fim, que não seja o egoismo, e a

prepotencia. Mas quem serão estes homens? Serão por ventura aquelles que o Sñr. Patroni enculca no seu folheto? Certamente não; aquelles homens foram sómente os historiões que repentáraõ a farga; porém o auctor della, he hum genio superior, não he destes homenzinhos que não sabem combinar duas idéas, he hum talentago, hum macebo, que cheio do amor da Patria, interrompe seus estudos, atravessa o vasto Oceano, e sem que suas aguas lhe apagem o fogo que o abraza, chega ao Pará, dispõe, persuade, inculca a Constituição Lusitana, e com tanta destreza desempenha a commissão secreta de que vem encarregado, que em 20 dias engendra, e faz fahir á luz a revolução do 1.º de Janeiro de 1821! Sim, o feganhoso auctor de tão estupenda maravilha, he o Sñr. F. A. Patroni; ninguém mais teve parte nesta façanha, toda a gloria he sua; os outros são hums miseraveis agentes, só o Sñr. Patroni fez tudo; tomou este negocio a sí, chamou-lhe todo seu; disse, e fez-se.

Aqui entra a incredulidade, porque ninguém se persuadirá, que Patroni seja tão descarado, que se tivesse feito a revolução constitucional, escrevesse e imprimisse, que outrem a havia feito; pois foi elle, e o vou provar plenamente; porém antes disso he necessario que se conheça o caracter deste sujeito: Patroni he hum estouvado, que não tem caracter algum; verdadeiramente he hum boneiro, que quer interessar, e figurar seja como for; quando lhe convem, he o panegerista de Villaça, e Barata; he o commissario das constituições; he o escravo e admirador das Cortes Lisbonenses: porém quando hums o desprezaõ, outros o conhecem, e aquellas o não attendem, conspira-se contra todos, e entaõ—" Nos outros poê sem pejo as baldas suas."

Vamos ás provas, eu as tenho incontrastaveis, fornecidas pelo mesmo Patroni, conservo por acaso hum alfarrabio, que por insignificante, e imprestavel que elle seja, sempre lhe chegou hum dia de poder servir para alguma cousa: intitula-se—" *Pessas interessantes relativas á revolução effectuada no Pará, a fim de se unir á sagrada causa da regeneração Portugueza*—." Vejamos o tal livreco: com effeito todo elle he huma continuada apologia de Patroni, pelos grandes servigos que fez á causa de Portugal; em qualquer parte que se leia apparece Patroni, como auctor da revolução do 1.º de Janeiro de 1821, que elle mesmo diz agora, ser feita por homens sem virtude, ligados ao crime, sem outros fins, que o egoismo, e a prepotencia; e eu lhe acceito a confissão.

O prologo do livreco, contém rediculas insensadelas, que o Edictor, ou alguem por elle, prodigalisa ao Sñr. Patroni: segue-se a pag. 19, o discurso que Patroni fazendo-se a sí mesmo deputado do Pará, dirigio ás cortes de Lisboa, e a pag. 30 se lê a seguinte passagem:—" Interrompí consequentemente meus estudos academicos; e expondo-me á instabilidade de da sorte nas volúveis e procellosas vagas do espantoso Atlantico &c. &c." Aqui se acha marcada a nota 15 do discurso, a qual vem a pag. 61, e he hum relatório da revolução do 1.º de Janeiro; refiro-me inteiramente áquella relação assaz curiosa: alli diz Patroni, que depois de fallar a algumas pessoas para a revolução, fallou a Villaça, o qual (pallavras formae)—" o qual se mostrou indolente, e fugio do ponto principal da conservação, de sorte que a elle não cabe privativamente a gloria do redemptor primario da sua Patria." Continuando a historia da revolução,

diz Patroni a pag. 67, que chegando ao palacio do governo, observou que ainda havia algum susto de concluir aquelle acto; então elle—"Rompe o immenso Povo, e se vai appresentar na salla do docel, aonde estava o antigo governo, e as pessoas mais condecoradas. Faz então o negocio todo seu....falla, começa a dirigir aquelle grande acto &c."

Chegando ao auto do juramento na vereação extraordinaria feita na casa da Camera, lê-se a pag. 70 o seguinte:—"Acto este que foi inteiramente dirigido pelo Bacharel Patroni, que até ao Juiz de Fora inspirava os pensamentos do auto da vereação." E em remate de prova veja-se o officio que Patroni dirigio á Camera em 24 de Janeiro de 1821, e que principia em a pagina 95, o qual a pag. 97 termina com as seguintes palavras:—"E fazer ver ás cortes de Portugal, que me exforcei a cumprir com exacção as funcções de que secretamente me encarreguei, interrompendo meus estudos accademicos &c." Finalmente todo o livreco, he huma continuada demonstração, de que o Bacharel Patroni, veio de proposito de Lisboa ao Pará, fazer a revolução, que he toda devida ao seu trabalho, fadigas, e diligencia.

Sigamos o tal Bacharel ou bacharelante no lollheto que se analysa; temos a pag. 6. §. 4.—"Observando (Patroni) o descaramento com que a Junta Constitucional commettia horrorosos despotismos, censurava-a com valentia, o que dêo motivo a que elle fosse exterminado para Lisboa, sob o pretexto de ficar alli encarregado dos negocios da sua provincia." Isto tudo he mentira, Patroni depois de haver feito a revolução no Pará, quiz hir a Lisboa receber o premio, ou antes o prego porque para isso foi comprado, e ao mesmo tempo quiz ser deputado, para o que dirigio ao Senado da Camera o citado officio de 24 de Janeiro de 1821, indicando a necessidade de nomear desde logo, sem mais formalidade, hum deputado, inculcando-se descaradamente, e como o não conseguisse, (como elle mesmo refere ás Cortes, dizendo que se inutilizarão seus esforços) solicitou e obteve da Junta provisoria, hir por ella mandado em commissão. Chegando a Lisboa, intitulou-se Deputado, mas as Cortes não quizerão admittir como tal, de que o Bacharel muito se queixa; e veja-se no livreco a pag. 99, e seguintes, quanto elle se exforça em querer mostrar, que devia ser admittido á Assembléa Lusitana.

Alem disto, nunca Patroni dêo motivo á Junta para se desfazer delle, porque sempre foi hum baixo adollador da Junta, louvando-a continuamente, até perante as Cortes e Regencia de Lisboa, como se pôde vêr nos discursos dirigidos a hum, e outras, que vem inseridos no livreco: a pag. 31 chama os Membros da Junta—"Iluminados e assemprosos homens." E mais abaixo—"Patriotico e illuminado governo, que em crises tão arriscadas, prudente, e sabiamente se tem conduzido na administração pública da minha provincia." A pag. 55, chama a Villaga—"O baluarte invencivel, e sustentaculo dos direitos do Povo." O mesmo diz de Barrata, accrescendo-lhe os epithetos, de illuminado, e prudente: he huma miseria, o Bacharel cuidou que ninguem sabia a sua historia politica, ou que já não haveria nenhum dos seus livrecos; a fallar a verdade, não merece elle a pena de se conservar, pois a não servir para hum occasião destas, só poderia servir.....viva Sñr. Patroni.

Somos chegados ao §. 5.º pag. 7, em que Patroni diz, que J. R. Gui-

marões, foi sobornado pelo Governo para o denunciar como propagador da independência: ainda outra vez mente o Bacharel, vamos ao caso: Patroni veio ao Pará fazer a revolução do 1.º de Janeiro de 1821, como evidentemente fica provado; foi para Lisboa com commissão do Governo, para o que recebeu humma ajuda de custo; em Lisboa ligou-se ao Deputado, não o acenário; fez-se Procurador da Camera, Procurador do Povo, tomou mil figuras, porém nada disto lhe dava interesse; a ajuda de custo tinha-se evaporado: via-se sem meios de subsistencia; quiz procurar novos meios de fazer fortuna, começou a fallar da P. P., incantar-se grande homem; enviou humma circular aos Parayenses, que o esperassem, que brevemente vinha mudar a ordem de coisas; mandou esculhir o n.º 13 do *Antegador Constitucional*,—aonde publica o seu plano de artigos no "1.º", que trahem se achá no livreco: e a pag. 139 se poderá ver o art. 1.º, nos seguintes termos:—, Hum Deputado deverá comecar ler a cada manhã em voz alta, entrando neste numero os escravos, os quaes mais que "ninguém deverá ter quem se comunique deley, prohem, e deley na 12" sorte mais feliz, até que hum dia se lhe restitua seus direitos." Ora combinemos qua's serão as ideaz de Patroni: mas antes disso, tornemos ao livreco a pagina 38, para vêr a nota seguinte ao discurso que o Bacharel dirigio ás Cortes, e cila.—" Deleware, he o rio que banha a bella provincia, aonde o famoso Penn manteve os direitos da humanidade, não consentindo lá escravatura. Ah! quem me dera ser o Penn do Pará!! " Os negros por toda a parte o proclamão sáo libertador, seu pai, acreditando que em elle vindo de Lisboa lhe trazia sua carta de emancipação; ainda mais, a Proclamação que dêo causa á denuncia, era escripta em hum papel targeado, que tinha na cima humma mão negra, encaida com outra branca; quem á vista de tudo isto poderá duvidar, que as intenções do Bacharel não fossem, fazer humma sahevação de escravos?

Sim, éa chegado o tempo de se elegerem Deputados, e novo Governo, Patroni tinha-se metido á cara por todas as formas, se não fosse eleito ficava como dantes, sem meios de subsistencia, que lhe restava? sublevar os escravos, para o que os havia preparando dante-mão: nisso nada elle perdia, que não tinha que, e alguma coisa poderia ganhar: não desajava elle ser o Penn da sua Patria, o que he mais certo, he que elle queria antes ser o Christophe. A vista de tais preliminares todos trembrão, José Inocencio Chibarrã, não foi sobornado, treina com os outros, não demorou Patroni por indevidencia, denunciou hum vil—sublevarador de escravos,—por esse modo hum inimigo do Brazil. Este he o forte da denuncia, mas o Bacharel não dá a este respeito humma só pallavra, nem diz, para além disto, como porras de furos; reflicta não para illusção: Patroni achando-se de visita em humma casa, redio aquia, ha humma formoza filha de 16 annos de idade, levantou-se e fallando com o negro da, lhe agredia nos termos seguintes:—" Virgilio: tu he's hum ente tao " livre como eu, o diabo da cara da te tem escravo: tomara eu..... " Não basta, he dize, mas que dize quando forem o cessario. Por novidades que são as energias de Patroni, nem hum dize na nordeste de que faga hum dize energias molida, não fossem entao tomados, talvez fizessem humma sahevação de escravos: finalmente, Patroni veio de Lisboa, deixando seus estudos para fazer no Pará a 1.ª re-

volução, isto como elle mesmo diz, não admira que viesse para fazer a 2.^a, a ver se mais alguma cousa interessava; porque cesteiro que faz hum cesto....&c. Fica por tanto demonstrado, que o auctor da revolução do 1.^o de Janeiro de 1821, foi Patroni; e que a denuncia que deu J. R. Guimaraes não foi por causa da independencia, mas contra hum vilissimo sublevador de escravos, e por consequencia inimigo do Brazil.

Deixando pois de seguir exactamente o folheto, aonde ha infinitas repetições, e contradicções, vamos á lista dos inimigos do Brazil, que principia á pag. 40; e continua com a insulga cantillena—o mesmo que Paima—allí apparecem os nomes de alguns Cidadãos respeitaveis, que são tratados ignominiosamente; em n.^o 17 vem J. R. Guimaraes, (já se sabe) accusado de haver denunciado Patroni, quando intentou sublevar os escravos; o homem não póde levar á paciencia, terem-lhe tirado aquella occasião de interessar, e fazer figura.

Passando depois á lista dos que forão perseguidos por causa da independencia, achamos em primeiro lugar Patroni, a respeito do qual fica provado quanto basta para se vêr, que elle só deve ter lugar na lista dos inimigos do Brazil. Achando-se na lista os nomes de todos, que por amigos da independencia, e dos Brasileiros, forão exterminados no 1.^o de Março de 1823, porque rasão se não encontra o nome de J. R. Guimaraes; diz escriptor de má fé, homem parcial, sem probidade, sem vergonha, como queres ser accreditado, escrevendo similhantemente? Acaso não sabes tú, que a facção revolucionaria do 1.^o de Março fez prender, e exterminar J. R. Guimaraes, por ser amigo do Brazil, e dos Brasileiros? Sabes muito bem, porque seu nome não foi omisso nas relações então publicadas, logo porque o quizeste occultar? Oh! vilesa, oh! redicula vingança, com effeito doê-te bastante, o embatagar que fosse ávante o maldito projecto.... Dizes a pag. 20 do folheto, que Mallato fez hum requerimento a Carneiro, para annular essa tentativa, isso bem público foi, e quem sabe humra cousa sabe outra.

Responde ainda humra vez, homem sem fé, escriptor sem honra, porque contando a pag. 17 como o conego Baptista foi denunciado no Tribunal dos Jurados, e preso em consequencia da denuncia, não dizes a quem a soltura do conego he devida? Isso foi bem público, assim como o foi também a manobra porque os Juizes sabirão quasi todos da facção do Moura [a]. Sim, J. R. Guimaraes, he hum dos que forão perseguidos, pela

(a) O conego Baptista foi denunciado de que havendo feito imprimir aquí humra folhinha, não mencionou os annos de El-Rei de Portugal; e porque no Paraense publicou o Manifesto da nossa Imperador, então Principe Real: J. R. Guimaraes, sendo hum dos Juizes, foi de opinião, que o padre delivado de imprimir não tinha abusado da Imprensa; e se o não mencionar os annos do Rei era hum delicto, competia ao Juizo criminal, e não áquelle que só conhecia dos abusos da liberdade da Imprensa. Também J. R. foi de opinião, que não havia abuso na publicação do Manifesto que foi reimpreso do As. o da Lusitania, o qual andava nas mãos de todos sem o Promotor o denunciar, nem mesmo quando denunciou o Paraense, requereu que o Astro fosse supprimido; de manciua que o Manifesto, sua doutrina,

facção revolucionaria do 1.º de Março, por causa da independencia, porque não quiz bandear-se ao partido do Moura contra os Brasileiros, de quem sempre foi, e he amigo, e cujos direitos protegeu na eleição da Camara; como já anteriormente havia feito na eleição dos deputados; arrostando aquelle formidavel partido que entao alterava tudo, sem nunca se deixar intimidar, nem seduzir apezar dos maneijos, e maquinagoes que para isso se pozerão em practica.

Deixemos por agora Patroni com a calva á mostra; e vamos passar huma revista ao folheto—*Historia dos acontecimentos politicos da Provincia do Pará*—analysando ao mesmo tempo a apologia, e numeros da *Estrella*, que estão em meu poder.

podia no Astro correr livremente; porém no Paraense era hum crime, J. R. obrou assim, pela convicção da propria consciencia, e porque he incapaz de servir aos caprichos, e paixões dos outros.





A

IMPOSTURA DESMASCARADA.

PARTE II.—CONEGO CAMPOS.

*Quem tão férreo será, que se contenha,
Quando as estatuas vir que tú soberbo,
Enramadas de louro a tí consagras?*

Satir. de Elmir. a Elm.

AINDA que muito superficialmente seja lida a—*Historia dos acontecimentos politicos da Provincia do Grão Pará*,—descobre-se logo, que ella he filha da malignidade, e da impostura, e que unicamente se encaminha a injuriar, e depremir o credito de muitas pessoas honradas, sem com tudo seu perverso auctor ficar justificado. Por inexacta que ella seja na parte historica, não lhe tocaremos, não queremos renovar scenas dolorosas; os Paraenses que virão tudo, e tudo presenciarem, não precisam quem de novo lho conte; e os mais, em conhecendo o perfido auctor, dar-lhe-hão os necessarios descontos. A's accusações criminosas, respondão aquellas contra quem ellas se dirigem; e de certo o farão legalmente perante quem competto.

Quanto a mim, ainda que a tarefa seja muito pezáda, me extorgarei por dar hum pequeno esboço do vil, e rediculissimo character do Conego J. B. G. Campos; repellirei suas afrontosas injurias, e mostrarei quanto lhe são mal cabidos, os louvores prodigalisados por hum Apologista igual a elle: sim he tempo basta de impor.

Refalgado animal das trevas socio,
Depõe, não vistas de cordeiro a pelle.

No começo da historia, conta Baptista como os Paraenses proclamá-tão com enthusiasmo o systema da nossa independencia, o que em verdade foi com as mais públicas demonstraçoẽs de regosijo, que cada hum dos habitantes podia manifestar. Continua porém a sua historia, com huma enfiada de mentiras, e contradicçoẽs; diz o Padre que o Governo era composto de cinco Membros, dos quaes só dous eraõ amigos do Systema, nenhum caso eu faria de similhante asserção ainda que falsissima, se o Padre não a estabelecesse, para lhe servir de fundamento á monstruosa accumulacão de calumnias, de que recheia a sua historia, ou antes libello famoso. Na Cidade de Belem, Capital da Provincia, foi feita a eleição do Governo á qual concorrerão os habitantes della, e do Destricto; e esta eleição foi depois reconhecida, tacita, e expressamente por todas as Camaras, e Villas até o Rio Negro, sem a mais pequena hesitaçãõ. Os habitantes da Cidade, conhecião muito bem, quem eraõ os inimigos da Causa do Brazil, e quaes os seus amigos, que por ella havião padecido, pois a Cidade tinha sido o theatro das perseguiçoẽs, e aqui residião os principaes perseguidores, e a cafila que os seguia: os acontecimentos, erão bem recentes; muitos Brasileiros, ou amigos do Brazil, existião ainda nos destellos, a que os condemnara a prepotencia, e alguns dalli vierão tomar assento na Junta Provisoria; á vista disto nenhum poderá suppor que hum Povo illustrado se enganasse tanto, que devendo em tal conjunctura, escolher cinco Membros para o Governo accertasse só com dous amigos do Brazil; esta opiniãõ he singularissima do Conego, filha da perversidade, e jámais pôde destruir a opiniãõ de hum Povo inteiro [1].

Falsa he tambem a affirmativa, de que o Povo offerecera bases ao Governo no primeiro dia de suas sessoẽs; porque nem no Acto da eleição, nem no da posse, nem no dia da primeira sessãõ, foraõ intimadas bases ou (o que he o mesmo) condiçoẽs algumas; apparecerão sim duas representaçõs, assignadas por hum copioso numero de Brasileiros, que ambas reclamavão ao Governo, a execuçaõ do Decreto de 18 de Setembro de 1822, porém por caminhos differentes: em huma que na casa da Camara em seguimento á posse, foi lida pelo Illustre Brasileiro o Sñr. J. d'A. Rozo, brilhante ornamento da sua Patria, e hoje benemerito Presidente da Provincia, se reclama a execuçaõ do citado Decreto, nos proprios termos em que elle he concebido; isto he conceder amnistia, esquecimento, e perdãõ de todas as opiniõs preteritas, vigiar na mantença, e conservaçãõ do Systema; e punir sem contemplaçãõ, todos os perturbadores, ou transgressores daquella época em diante. Outra representaçãõ (esta he a que protugia, e de que falla o C. Baptista chamando-lhe bases) exigia a puniçaõ de todos os acontecimentos desde a data do Decreto: isto he, hum anno antes da sua publicaçaõ nesta Provincia, em que era inteiramente ignorado, e inexecuvel na presença das Auctoridades Portuguezas que

[1] *He bem notavel o orgulho, e a flaccia com que o Conego Baptista, e o B. P. de S. se atrevem a chamar publicamente inimigos do Brazil, os que são unicamente inimigos das suas infortunas; como se a causa capital de de algum outro particular individuo, fosse a Causa geral do Brazil, e dos Brasileiros!*

então governavão [2]. He contraditorio o Padre quando diz, que o Governo não prestára attenção áquella representaçãõ, e que a remetteu ao Juiz de Fôra substituto, para se proceder na forma requerida; pois se lhe não desse attenção a não remetteria ao Juiz como remetteu, afim de proceder com verdadeiro conhecimento de causa depois das judiciaes averiguações, e não arbitrariamente. O ferimento do Commandante Grenfeell foi ao terceiro dia do governo da Junta P., porque tomando posse a 18 de Agosto, o ferimento foi a 21 do mesmo, e logo nessa noite se procedeu á prizaõ de miltos que se julgavão suspeitos, sem ser necessario passar mais de trinta dias como diz o Padre. A retirada do Brigadeiro Moura, e Coronel Villaça, foi considerada como huma medida de segurança publica, que perigava com a presença daquelles homens, em quem seus satellites sempre esperangavão; nesta medida conveio o Padre, ainda então Membro do Governo, sem nenhuma oppozigaõ fazer, nem ao menos declarar, que não era aquella a sua opiniaõ: em fim humas mentiras se encadeião nas outras, e não he possivel responder a tudo.

Prometti que não tocaria na parte historica deste desavergonhado arangel, e por isso não fallarei nas causas da revoluçãõ de 15 de Outubro, nem quem a fomentou, dirigio e guiou até a fazer desenvolver e rebentar, porque isso sem rebugo algum está dito, e explicado na mesma historia, aonde claramente se conhece o perverso que illudio os incautos que prestãrão ouvidos ás pallavrinhas doces do monstro, sempre com o mel nos beiços, e o fel no coração.

Não deixaremos passar a nota -c- a pag. 3 em que o calumnioso historiador fallando de J. R. Guimaraës lhe vem com a pecha da denuncia de Patroni, e que jurou na devassa processada a requerimento do Moura contra os cinco setem-brisados. Ah! infame embusteiro, tú sabes muito bem

[2] Era opiniaõ do C. Baptista, que o Decreto devia entender-se á risca desde a sua data, pois que elle dizia -de hoje em diante-; sem se lembrar, que quando exigia este effeito retroactivo da Lei, sobre elle devia principalmente recahir, porque havendo sido denunciado por independente, e casualmente prezo em 18 de Setembro de 1822 data do Decreto, gritou que tal independente não era! Jurou, e deu provas de que era inimigo da Independencia, e muito amigo e adherente ás Cortes de Portugal, servindo-se de expressões tão baixas, e humildes, como se pôde ver nos Autos que existem no respectivo Cartorio; e tanto allegou e provou, que foi absoltido da accusaçãõ. Ora aqui temos hum homem, que depois da data do Decreto proou não ser independente, e dá huma justificaçãõ de sua adherencia ás Cortes de Portugal, e assim mesmo se atreve a chamar-se martyr da Independencia! Martyr he aquelle que sustenta a sua doutrina no meio da perseguiçãõ, e dos tormentos, e não o tal C. Baptista que he capaz de jurar, e perjurar mil vezes n'hun dia; e se para os seus commodos, e interesses lhe for necessario: he daquelles de quem diz o Poeta:

Negão o Rei, e a Patria; e se convêm
Negaraõ como Pedro o Deos que tem.

L. C. 4.º Est. 13.

o contrario do que dizes; quanto á denuncia de Patroni, evidentemente fica provado, que elle era hum sublevador de escravos: quanto ao juramento não sei que seja crime, jurar em hum devassa, quando o Juiz pela voz da Lei chama hum testemunha; ainda que J. R. quizesse jurar contra os prezos, não podia, porque nada sabia, e o não haver jurado á vontade do Moura, foi hum das causas de seu exterminio: o Padre o sabe, mas aquella cara sem vergonha, já lhe não importa que o coulhão em mentira; e por isso muito de proposito não querro ajuntar certidão do depoimento.

Fiel á promessa de não interromper a narraçãõ historica, não he possível evitar-me de chamar a attençaõ do Leitor sobre a atrocissima perversidade com que o Escriptor infame torne o sentido da Proclamação da J. P. de 27 de Outubro de 1823, quando diz, que as expressões:— "entregarão os publicos, e principaes reconhecidos fautores da anarchia, a hum castigo como o crime, prompto, publico, e vioento." São hum alarde, que faz a J. P. do tristissimo acontecimento do navio Palhaço. Quem he que não entende, que aquellas expressões se referem á fatal necessidade, dictada pela imperiosa luz da salvagaõ pública, de fazer immediata e promptamente punir os cinco infelizes, que mais culpados erão na revolta elatrocinios? muito principalmente continuando a Promagaõ:— "no entanto que outros forão privados de huma liberdade, que ja nos não podia servir se não de oppressão &c." Está mais claro que a luz do dia, que aquellas expressões se referem aos cinco; referindo-se estas aos que depois forão prezos. O malvado Padre conhece isto muito bem, mas como he necessario fazer odiosa a J. P., salta por tudo, e nem se peja de dar entre os documentos, a integra da Proclamação, que em público o desmente, e o convence de falso e impostor.

Depois do muito, que á vontade do Escriptor fica dito até a pag. 15 he com effeito escandalosa a nota—r—para quem vio, e presenciou os successos do dia, e noite de 16 de Outubro. Oh! dias de horror e trevas, apartai-vos para sempre do Solo Paraense.... he necessario guardar a promessa, e não tocar na parte historica. Quem fez a revolução do 1.º de Janeiro de 1821, já fica plenamente provado, que foi Patroni, e não esse partido que o Padre a pag. 16 inculca como ainda existente.

Que o público me perdoe a expressão—irra Sir. Padre—diz a sua nota—v—"He tradiçãõ constante na Provincia, que a prizaõ do Conego Campos, e soltura dos dissidentes, rendeu grande somma de *l'argent*." Oh! vilissimo homem! em te conjuro que declares quem deu, ou recebeu essas sommas que dizes, e em quanto o não fizeres, serás reputado como he, hum indigno mentiroso, e perfido embusteiro.

Passémos agora a ver a apologia do Conego Baptista, que huns dizem ser obra de Patroni, e outros da lavra do mesmo Conego, como quer que seja, o público não se engana, porque aquelles dous patifes, so podem ser louvados, hum pelo outro.

Vamos ao que importa: a apologia he dedicada ao Clero Paraense; certo que he a maior affronta que tem recebido: nenhum insulto maior se lhe poderia fazer, do que dedicar-lhe a apologia de hum tão reñido sevandija. O Clero Paraense, esta benemerita e distincta classe de Cidadãos, principalmente a illustre corporação da Cathedra, se peja de contar entre seus

Membros, o Conego B. Campos; e nada prova tanto a virtude, e tolerancia Christã daquelles venerandos Sacerdotes, como consentirem, que ainda entre elles tome assento.

Deixando o filosofantico preambullo que occupa os §§. 1.^o 2.^o, esbarramos com o 3.^o em que o Apollogista estabelece como cauza principal das perseguições do Conego, o haver recusado abraçar o Systema da Constituição Portugueza quando se publicou no Pará; e quer provar esta asserção com humma Carta que o Conego dirigira ao Ministerio de S. M. F. cuja Carta não apparece: ora pois; quem no Pará fez a revolução Constitucional foi Patroni [fica provado] seu Amigo. Conego Baptista o seguiu, e com enthusiasmo, gritava pelas Praças, e Ruas—Constituição ou morte—dirigio as Cortes Portuguezas humma Memoria em 20 de Abril de 1822, pedindo algumas providencias, e protestando por si, e em nome da Provincia, a mais firme adhesão á Causa de Portugal; esta Memoria foi dirigida á Camara para a remetter, e achá-se registada no competente Livro; a final sendo prezo por independente, justificou por mil maneiras seu affeiro á Constituição Luzzitana, e foi absolvido; he notavel a seguinte passagem do Processor:—” e perguntado mais, ” por que Razão diziaõ que elle era anti-constitucional:—” Respondeo ” que era porque seus inimigos o queriaõ accusar disso, pois que elle ” Respondente he tão constitucional, como aquelles que o são verdadeiramente!!! ” Isto não são fabullas sonhadas, são verdades premonecentes nos Autos, no Cartorio do Escrivão Watren; assim he que se tira a mascara a impostores.

Acudão, ao Apollogista, compadeção-se da sua lamentação no §. 6.^o ! socogue Sr. que faz Apollogias todos sabem os grandes serviços que tem feito no Brazil....aquelle da sublevação, bom era, mas não o deixaraõ.

No §. 7.^o conta que o Brigadeiro Moura e sua facção Militar, desterraraõ no 1.^o de Março de 1823, para lugares remotos, 16 Cidadãos como Chefes do partido da Independencia, entre os quaes foi comprehendido o Conego B. Campos, e porque não nomeia os outros? tambem não he necessario, alguma coisa já fica dito a este respeito; e de mais as listas e o Manifesto Mourisco, correm impressos, e ali se pôde vêr.

Continuando a apollogia, começa no §. 10.^o a repetir a historia dos acontecimentos politicos, mençando sempre; a promessa de não tocar nesta parte, he preciso ser guardada; sem com tudo deixar passar a mentira, que na testa da columna serve de apoio, ao formidavel troço de calumnias que se lhe seguem; sim não deixaremos passar a decantada fabulla das naves, que deviaõ servir de norma invariavel ao Governo; agora diz o Apollogista, que erão assignadas por quatrocentos e tantos Cidadãos: Sr. Bacharel olhe que o informãõ mal; fica perdoado, porque esta mentira não he sua, he de quem lha enbutio.

Com effeito não ha nada tão descarado como o §. 12; suas expressões offendem a todo o homem de bem que conhece o individuo a quem ellas se dirigem; ouçamos:—” ignoraes acaso que aquelle Varão excellentissimo (o C. Baptista) nunca foi ambicioso? Cobre o Sol por ventura? ” ouço homem mais despoído de vaidade, de impostura, de desejos de

"decimar?—Ora isto he apurar muito o soffrimento, a resposta que merece... he huma risada. Continua mais abaixo:—"appareça hum só d'entre innumeraveis individuos a quem elle [Conego] há favorecido; appareça e declare quantos vintens lhe deo; quantos mimos lhe enviou... Ah! Virtude ah! Modestia affasta-te de mim por hum pouco, desprende-me a lingua, e consente que venhão á luz os excessos vergonhosos...."

Para que he essa reticencia, impostor, que quer isso dizer, eu te deoão para que declares, quaes são essas infamias, de que não queres accuzar os probos Cidadãos, a quem ultrajas: não te suspendas, anda accusa.—Tens uivos, tens latidos não me aterraão—.

Se queres dizer, que algum dos Membros da J. P., recebeo algum dinheiro por algum despacho, publica-o, e em quanto o não publicares, todo o labeo reverterá sobre o decantado heroe da tua apollegia.

Melhor fora que te contivesses nos limites da prudencia, e não attribuisseas tantas virtudes ao Conego Baptista, para me não obrigares a expor algumas de suas vergonhozissimas acções: Revolvão-se os Cartorios publicos, e no do Escrivão Perdigaão se achará o Corpo de delicto feito em hũa folha arrancada (pelo falsario Baptista) de hum Livro de Baptismos, quando para se aparentar com o fallecido P. Raimundo de Souza, afim de entrar em sua herança, quiz supprimir o assento do Baptismo de sua May, sendo neccessario, que o Bispo defunto, por hũa Portaria mandasse proceder o novo assento.

Se eu quizesse dár conta de todas as traficancias feitas pello Padre, que tem chegado ao meu conhecimento, das quaes a maior parte são bem publicas; chegaria a faltar papel, e tempo; basta dizer, que sei toda a historia com J. Baptista, e M. da S. Velho.....

Que perversa moral! Que horrorozos costumes! Aqui, hé que hé necessario hum excesso de prudencia, para callar todas as suas torpezas publicas, infames, escandallozas, sem respeito algum ao caracter de que indignamente se reveste.

Quantas seducçoẽs appareceriaão? quantas alco...quantas abominaçoẽs de toda a especie praticadas em sua caza, reduzida ao mais hediondo lupánar: athé appareceriaão os Autos em que litigou com J. A. R. Martins e alli se veria como o Conego reduzio a prego villissimo servicos que offendem a honestidade, e a modestia manda callar.

Relaxado, athé dar occasião ao Officio que a Junta Governativa em 25 de Mayo de 1821, dirigio ao Vigario GERAL Governador do Bispado, afim de dar providencias, que fizessem cessar os abuzos praticados na caza do Conego Campos, que com geral escandalo perturbavaõ a boa Ordem, e socego publico. Se daqui passarmos á sua vida ecclesiastica!...corramos hum veo que nos esconda o vergonhozo facto, que deu motivo a que—N—fosse mais cauteloso, quando o Padre lha dizer Missa á sua casa. Não chamemos á lembrança os seus públicos e escandalosos procedimentos, quando Vigario de Monsarás, que dissengoẽs entre familias! Que festa do Espirito Santo! Que....que....o pejo me embarça, a decencia me suspende. Sim he melhor callar, respeito muito o caracter de hum Ministro do Santuario, e choro que tão aviltado elle seja por aquelle indigno; em fim ji não tens emenda, he lastima que—Sempre serás qual hes, e morrerás qual vives—.

Aqui tens, ó Apollogista, aqui tens as virtudes do teu heroe; se as queres vêr provadas até á evidencia convida-me a isso, chama-me ante os competentes Tribunaes, e verás então o que se desenvolve.

Deixemo-nos de fallar mais em apollogias, mas antes de findar toquei em huma (além de muitas outras) contradicção notavel, e vem a ser: diz o Conego, o Bacharel, e toda essa cambada, que na noute de 16 de Outubro houve, sem assistencia do Conego, huma sessão clandestina entre o Governo e Gremseell, na qual se decidiu a prisão do Conego &c.; porém da historia consta, que o Sñr. J. Henriques, foi de tarde para bordo do Brigue Maranhão, e que por lá se entretiverão toda a noute com o Commandante no desembarque da marinhagem para o Trem, seu armamento, expedição de Patrulhas &c., de maneira, que aquelles dous não assistirão á sessão: o Sñr. Geraldo todos sabem que nessa tarde se retirou para o seu Engenho, e tambem não assistio: o Sñr. Malcher, tambem não podia assistir, porque o Padre o contempla do seu partido: fica sómente o Secretario que com effeito foi quem premaneceu toda a noute no Palacio do Governo; então quem assistio á sessão? Aonde foi ella feita? Ora surriada, patorebas, apprendão a mentir.

Depois dos decantados folhetos, apparecem como corpos de reserva, os artigos inseridos na Estrella, de que tenho tão sómente os numeros 44, 51, 52, e 53, que contém a mesma doutrina, as mesmas falsidades, que os folhetos, e de mais mostraõ hum tal encarnigamento contra os homens de bem do Pará que parecem cães damnados a morder em todos, ninguem escapa ás venenosas dentadas daquelles impertinentes sabujos.

Alli homens respeitaveis, Cidadãos benemeritos, por sua integridade, firmeza, e soffrimentos pela Causa da Independencia, são gratuitamente insultados a capricho, não tendo o indigno Escriptor, pejo de confessar, que nenhum outro motivo mais, que a vontade de mal-dizer o obriga a escrever aquelle artigo. Alli são maltratadas familias que o Público respeita por sua conhecida virtude. Não são isemptos os Negociantes Inglezes, em quem reluz a franqueza, a probidade, e a boa fé, sem que huma só pessoa tenha a queixar-se de qualquer delles. Finalmente nem aquellas viboras escapáráo, os dous Illustres Brasileiros os Sñrs. José de Araujo Rozo, e Ambrozio Henriques da Silva Pombo, a quem seus Patricios dão a estima de que elles se fazem credores: Dizei oh malvados, que defeitos encontraes nestes Cidadãos? Seus bens, seu dinheiro, a vantajosa situação em que se achão collocados, longe de os enfatuar, só lhes serve para dar soccorro aos desvalidos que a elles se acolhem. Quantos Brasileiros perseguidos não tem achado nelles adocamento a seus males? Se o despota Moura os faz exterminar para Lisboa, lá os mandão soccorrer com graciosas mezadas. Os que foraõ prezos para o Rio de Janeiro, nas suas bolças acháráo recurso; e se outro tanto não succedeu ao Conego Baptista (apezar das suas instancias) foi porque aquelles Mancebos não protegem a perversidade.

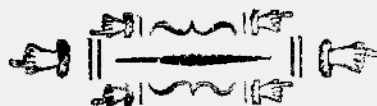
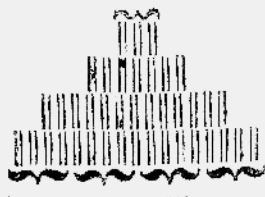
Queixa-se o Padre (e duas vezes se queixa) que Ambrozio Henriques, dando dous banquetes o não convidara; pobretão! até chama banquetes a simples jantares d'amizade, para os quaes A. Henriques, convidou alguns de seus amigos, e não convidou o Padre, porque nem he seu amigo, nem costuma pôr bandalhos á sua meza.

Inimigos da sua **Patria**, aquelles perversos até quizerão privar esta **Provincia**, da fortuna de ser presidida pelo **Excellentissimo Sñr. Rozo**. Ah! Louvemos sem cessar á **Providencia**, e ao illuminado **Governo de S. M. I.**, em nos conceder hum tal **Presidente**; com sua actividade, vigilancia, e assiduos cuidados, elle tem sabido conhecer os perversos para os apartar de sí, e da **Sociedade**, que infestão com seus costumes, e pessimas doutrinas.

Sim, o **Sñr. Presidente Rozo**, goza de inteira confiança pública; os bons **Cidadãos** o estimão, e o respeitão; os máos o aborrecem, e o temem.

Tenho finalmente concluido o meu trabalho, se não fui exacto no que prometti, foi pela impossibilidade de comensurar todas as atrocidades daquelles monstros; elles são os criminosos, e cuidão que se defendem, quando cobardemente insultão os outros; porém os homens de bem os conhecem, e os detestão; só outros iguaes a elles os seguem, e os adorão.

Braveja detrator, braveja insano,
Arde, blasfema em vão, de algoz te sirva,
Tenas verdade, que te roe por dentro.



F I M.